

# A Guerra Civil de Espanha e a imprensa aveirense

## The Spanish Civil War and the press of Aveiro

CARLOS DE MIGUEL MORA\*

PALAVRAS-CHAVE: Guerra Civil de Espanha, Censura, Imprensa regional, Homem Cristo.

KEYWORDS: Spanish Civil War, Censorship, Regional press, Homem Cristo.

### 1. O Estado Novo e a Segunda República Espanhola

As relações entre a ditadura espanhola de Miguel Primo de Rivera, iniciada em 1923, e a portuguesa de Carmona, iniciada em 1926, não foram más, tendo em conta que se tratava de duas ditaduras de pendor claramente nacionalista e totalitário. No entanto, a proclamação da Segunda República Espanhola de 1931 não podia trazer senão desavenças entre dois governos tão díspares.<sup>1</sup> Os receios de Salazar eram de diversa índole, mas tinham como principal foco a suposta ressurreição do iberismo, essa ideologia da unificação peninsular através de uma federação que tinha tido a sua quota de sucesso no século XIX, mesmo não tendo passado normalmente de fantasia utópica. Não bastava a ideia comunista bem conhecida da união entre os trabalhadores do mundo,

\* Universidad de Granada.

<sup>1</sup> Na verdade, a tradicional desconfiança portuguesa do inimigo espanhol foi mudando aos poucos depois da adoção entusiasta, por parte dos setores mais conservadores de Espanha, das teses de António Sardinha sobre a Aliança Peninsular. As ideias de Sardinha permitiam unir o nacionalismo mais enraizado com a substituição das antigas pretensões anexionistas por outras ideias de cooperação em defesa da civilização católica ocidental. Esta mudança de posição (convertendo o antigo inimigo em possível aliado) foi rapidamente fortalecida após a chegada de Salazar ao poder, especialmente pela reação dos propagandistas do Estado Novo à implantação da Segunda República Espanhola. Os antigos inimigos, sendo agora Estados autoritários, tinham um inimigo comum: os bolcheviques. (Jiménez Redondo, 2017, pp. 99-105).

como ainda a ameaça se fez mais real porque a própria Constituição da República de 1931 dizia, no seu artigo 24:

A base de una reciprocidad internacional efectiva y mediante los requisitos y trámites que fijará una ley, se concederá ciudadanía a los naturales de Portugal y países hispánicos de América, comprendido el Brasil, cuando así lo soliciten y residan en territorio español, sin que pierdan ni modifiquen su ciudadanía de origen.

En estos mismos países, si sus leyes no lo prohíben, aun cuando no reconozcan el derecho de reciprocidad, podrán naturalizarse los españoles sin perder su nacionalidad de origen.

Além disso, o ideário iberista encontrou eco em grupos de esquerda como a Federação Anarquista Ibérica ou a Federação Ibérica de Juventudes Libertárias. Salazar acenou repetidas vezes o fantasma da absorção de Portugal por parte de uma Espanha imbuída de ideias socialistas, comunistas ou anarquistas, que defendiam a internacionalização e, portanto, a perda da identidade nacional.<sup>2</sup>

É óbvio que as relações com a República melhoraram no espaço do governo das direitas da CEDA, entre dezembro de 1933 e fevereiro de 1936,<sup>3</sup> mas, quando nas eleições de 1936 ganhou a Frente Popular, a coligação de partidos de esquerda, as relações entre dois governos de ideologias antagónicas retesaram de novo.

<sup>2</sup> Cerca de 1940 foi editado em Lisboa, pelo Secretariado de Propaganda Nacional, um livro que recolhia uma série de documentos, traduzidos para o espanhol, de vez em quando de forma pedestre, que demonstravam que Portugal tinha defendido desde o início da contenda espanhola a posição dos rebeldes nacionalistas, guardando, simultaneamente, a necessária neutralidade: *Portugal ante la Guerra Civil de España. Documentos y notas*, s.d., Lisboa: Edições SPN. Num documento lá incluído, «Los acontecimientos de España y la no-intervención», que traduz uma nota oficiosa de Salazar de 23 de setembro de 1936, afirma-se: «Ahora bien, los que han seguido sin apasionamiento el drama peninsular, los que no han olvidado la historia de hace décadas, de hace años y de hace días, los que se acuerdan de las ambiciones alguna vez manifestadas del plan ibérico del comunismo, de la claridad alias muy de agradecer con que muchas veces ha sido defendido en la Prensa el derecho de intervención en Portugal, nos hacen la justicia de creer que los temores no son romanticos, ni tampoco que por capricho levantamos dificultades a nadie: simplemente no desistimos de que sea respetada nuestra tranquilidad ni podemos transigir en lo necesario a la defensa de la vida y libertad de nuestro pueblo» (*Portugal...*, [s.d.], pp. 39-40).

<sup>3</sup> Cf. Pena Rodríguez, 1997, p. 70: «El triunfo de la coalición entre la Confederación de Derechas Autónomas (CEDA) de José M<sup>a</sup> Gil Robles y el Partido Radical de Alejandro Lerroux el 19 de noviembre de 1933 fue una pomada para las purgaciones que empezaban a reventar en las relaciones peninsulares.»

Para o bom relacionamento entre os dois países não foram de ajuda as ligações de amizade entre os líderes dos partidos republicanos espanhóis, especialmente socialistas e anarquistas, e a oposição portuguesa ao salazarismo, os exilados revirralhistas Jaime Cortesão, Bernardino Machado ou Moura Pinto, com a possível intenção de ajudar financeiramente para uma operação de derrocada do governo salazarista (Paulo, 2013, pp. 113-114); nem que, do lado português, os jornais admirassem de forma clara a figura do general golpista Sanjurjo (Pena Rodríguez, 2010, p. 454) e que apoiassem direta e claramente os partidos de direita da CEDA nas eleições de 1936 (Pena Rodríguez, 2017, p. 43). A partir de março os cruzamentos de acusações entre jornais portugueses e espanhóis eram cada vez mais azedos, especialmente do lado português, muito mais controlados pela censura que os do lado espanhol. Salazar considerava muito arriscado continuar com um governo de esquerdas em Espanha e considerava que a estabilidade do Estado Novo dependia, em grande medida, de que em Espanha triunfasse um movimento nacionalista de tipo totalitário semelhante ao português. Por isso, decidiu apostar tudo na jogada do apoio aos rebeldes (Pena Rodríguez, 2017, pp. 44-46).

## **2. Censura e propaganda**

No dia 25 de setembro de 1933, quando na República Espanhola estão a governar as esquerdas, é criado o Secretariado de Propaganda Nacional, sob a direção de António Ferro.<sup>4</sup> Nos quase três anos decorridos até julho de 1936, quando começa a Guerra Civil, a mudança na linha editorial dos jornais tinha sido espantosa. O Secretariado tinha elaborado um boletim com as tendências dos jornais, classificando-os, seguindo um peculiar sistema de nomenclatura, em situacionistas, simpatizantes, neutros e anti-situacionistas (Barros, 2011, p. 269 n. 9). O SPN tinha uma equipa de redatores que se ocupava em fabricar notícias que enviavam aos jornais e coagiam aqueles que ousassem não seguir as indicações com eliminação de artigos, sanções penais ou diversas fórmulas encaminhadas ao fecho do jornal. Só num ano, entre dezembro de 1933 e dezembro de 1934, tinham conseguido uma deslocação importantíssima de um bom número de jornais para a classificação superior (próxima da ideologia do Estado Novo) (Pena Rodríguez, 2012, p. 182), como explica Barros (2011, p. 275):

<sup>4</sup> Decreto-Lei n.º 23054, de 25 de setembro de 1933.

Não obstante, é fácil verificar que as transferências seguiram um percurso altamente favorável ao Estado Novo, num total de 54 transferências, 49 orientaram-se nesse sentido. Destas, 26 foram jornais classificados como neutros que passam a simpatizantes (24) e situacionistas (2). Da categoria dos jornais anti-situacionistas também se transferem 16 títulos de jornais, em 1934, para o bloco de imprensa pro-regime: 2 passam a situacionistas, 7 a simpatizantes e 7 a neutros.

A censura prévia estava perfeitamente organizada quando começou a guerra civil espanhola, mas foi endurecida em setembro.<sup>5</sup> Esses quase dois meses que demorou a censura a fortalecer o seu posicionamento permite ver as tendências dos jornais, pois alguns conseguiram publicar notícias durante essa época que depois se tornaram impubliáveis. O decreto de setembro obrigava a todos os funcionários a jurar por escrito a ordem social estabelecida pela Constituição salazarista, rejeitando expressamente o comunismo e quaisquer movimentos subversivos (Pena Rodríguez, 2012, pp. 566-567).

As indicações da Direção Geral dos Serviços de Censura, dadas a 5 de agosto numa circular, que publicou Alberto Pena, são muito claras (2012, p. 572):

Tendo o Movimento do Exército Espanhol uma feição caracterizadamente nacionalista e de luta contra o comunismo, deve ser permitido todo o noticiário que relate os excessos de toda a ordem que têm sido cometidos pelas milícias comunistas. Pela mesma ordem de ideias não deve ser autorizada qualquer exaltação às mesmas milícias. Deve, porém, ter-se um especial cuidado em não envolver por qualquer forma a responsabilidade do nosso Governo, quer nas simples notícias, quer nos comentários a elas, quer ainda nas ideias expostas pelos jornais, responsabilidade esta que, por exemplo, ficaria sempre comprometida se se permitisse a publicação de referências a auxílio ou apoio material que não existe, mas que vários têm tentado preconizar.

Além destas indicações, torna-se evidente, pela evolução das notícias, que os censores impediam que se falasse da ajuda alemã ou italiana para o bando rebelde, enquanto se podia e devia falar claramente da ajuda russa e francesa às tropas governamentais; que se devia insistir na ordem do lado nacional e as crueldades dos comunistas e que não se devia fazer eco das críticas ao tratamento das notícias pelos jornais portugueses.

<sup>5</sup> Por causa do Decreto-Lei n.º 27003, de 14 de setembro de 1936.

### 3. A imprensa portuguesa na Guerra Civil

Outro fator que devemos ter em conta é que os jornalistas portugueses foram absolutamente privilegiados no acesso à informação do lado rebelde. Tiveram salvo-condutos, acesso ao campo de batalha, mesmo depois ou até durante a batalha, e chegaram a desfrutar de automóveis para as suas deslocações num momento de extrema carestia de meios de transporte (Pena Rodríguez, 1997, p. 263). O motivo era que os correspondentes portugueses tinham sido eleitos pelo Secretariado de Propaganda Nacional entre os mais fiéis defensores das ideias pelas que apostava o Estado Novo, que não eram outras que apoiar o ponto de vista do bando nacional da guerra (Pena Rodríguez, 2012, pp. 183-185). As informações deturpadas chegavam assim a uns jornais que não só formaram a opinião pública portuguesa, mas também a espanhola, pois eram lidos em numerosas partes do território espanhol, e por muitos países do estrangeiro, que faziam eco das notícias dadas pelos jornalistas que tinham melhor acesso ao campo de batalha.

### 4. A imprensa regional

A imprensa regional tinha uma série de características que a diferenciava da nacional. Esta última encontrava-se mais estreitamente vigiada pela censura, o que não quer dizer que a regional tivesse mais margem de manobra, pois todas as edições eram submetidas ao olho do censor, mas sim que podia demorar mais tempo a ser corrigida. Além disso, esta ocupa-se, sobretudo, de notícias locais, não tem correspondentes no estrangeiro e é mais dependente de notícias já publicadas nos jornais nacionais. Por este motivo, em outras ocasiões acontece que o jornalista não informa os seus leitores, tão só se debruça sobre uma notícia já conhecida por eles, tecendo uma reflexão.

O distrito de Aveiro era aquele em que mais jornais provinciais se publicavam entre 1933 e 1934, o ano em que a censura provocou a mudança de afinidade política em tantos deles (Barros, 2011, p. 268). Segundo a informação fornecida por Júlia Leitão de Barros, a classificação dada pelo SPN foi a seguinte:

- 1) Situacionistas. a) Em 1933: *Soberania do Povo, Defesa de Arouca, Tradição e Opinião*. b) Em 1934, a estes quatro se acrescentariam mais seis: *Acção Nacional, Concelho da Murtosa, Ilhavense, O Democrata, Gazeta de Arouca e Política Nova*.

- 2) Simpatizantes. a) Em 1933: *O Jornal de Espinho*, *Correio do Vouga*, *O Democrata*, *Jornal de Albergaria*, *Defesa de Espinho*, *Ilhavense*, *Concelho da Murtoza*, *O Progresso da Murtoza* e *Bairrada Elegante*. b) Em 1934, os três que tinham passado a situacionistas (*O Democrata*, *Ilhavense* e *Concelho da Murtoza*) foram substituídos por: *O Regional*, *O Povo de Pardilhó* e *Correio da Feira*.
- 3) Neutros. a) Em 1933: *O Nauta*, *Jornal de Estarreja*, *Jornal de Cambra*, *O Regional*, *O Povo de Pardilhó* e *O Arrifanense*. b) Em 1934, estes seis tinham sido reduzidos para quatro pela reclassificação dos dois que tinham passado a simpatizantes, *O Regional* e *O Povo de Pardilhó*.
- 4) Anti-situacionistas. a) Em 1933: *O Debate*, *O Povo de Aveiro*, *Ecos de Cacia*, *Jornal de Cacia*, *O Povo de Ovar*, *Águeda*, *Independência de Águeda*, *A Gazeta de Albergaria*, *A Ideia Livre*, *Gazeta de Arouca*, *Beira Mar*, *Democrata Feirense*, *O Correio de Azeméis*, *Alma Popular*, *A Voz do Povo* e *Correio da Feira*. b) Em 1934, estes 16 tinham-se reduzido para 13, pelo desaparecimento de *O Debate* e de *Beira Mar*, pela reclassificação como situacionista de *Gazeta de Arouca* e como simpatizante do *Correio da Feira* e, por fim, pelo surgimento de um novo jornal, o *Jornal de Ílhavo*.<sup>6</sup>

Desta lista, estudaremos sucintamente um dos jornais catalogados como situacionista no momento do início da Guerra Civil de Espanha, *O Democrata*, outro dos referenciados como simpatizante, *O Correio do Vouga*, e, passando por alto os menos interessantes “neutrais”, dois dos anti-situacionistas, *Ecos de Cacia* e *O Povo de Aveiro*, com trajetórias muito diferentes.

## 5. O Democrata

Era um jornal dirigido por Arnaldo Ribeiro, um aveirense ilustre, republicano de longa data, pois já por volta de 1900 ou 1901 fora um dos membros mais ativos de uma Comissão Municipal Republicana (Cerqueira, 1976, p. 22), mas, aos poucos, foi perdendo a fé no regime republicano e abraçando a causa do Estado Novo. No dia do começo da Guerra Civil, quando ainda não tinha chegado a Aveiro a notícia do levantamento militar em Espanha, mas sim o assassinato de José Calvo Sotelo, o rastilho que o espoletou, tece considerações dignas do chefe da CEDA, Gil Robles, ao animar à rebelião

<sup>6</sup> A informação está retirada do quadro que apresenta Barros (2011, p. 292).

armada, numa espécie de predição acertada dos acontecimentos. É de salientar a comparação com os crimes de 19 de outubro, os da «noite sangrenta» que abriu o caminho à cadeia das conspirações militares e que finalmente provocou a queda da I República, a desumanização dos comunistas e anarquistas, comparados com feras, e o apelo à rebelião como única forma de repor a civilização, argumentos todos usados pelos partidos da direita espanhola (Sevillano Calero, 2011, pp. 34-39). Assinalo em itálico os argumentos que reproduzem as estratégias usadas pelos jornais espanhóis mais incendiários como *Acción Española*, o jornal que animava à rebelião e onde colaborava assiduamente José Calvo Sotelo; estratégias que estavam encaminhadas a salientar a barbárie dos partidos de esquerda, contrária à civilização, a retirar aos seus seguidores a categoria de humanos e a justificar que a única via possível para restituir a ordem era a violência:

### **Abominável**

Foi esta semana assassinado em Madrid, capital da República Espanhola, o deputado monárquico Calvo Sotelo, cuja eloquência se vinha assinalando em contínuos protestos *contra as barbaridades cometidas por uma horda de malvados* que, após a mudança do regime político, se têm entregado *aos mais condenáveis actos de banditismo*.

Todo o mundo culto estremeceu, comovendo-se, diante do *novo crime, muito semelhante ao nosso 19 de Outubro*, e parece-nos que não há ninguém, salvo *as feras humanas, em permanente estado de aviltamento*, que deixe de o reprovar como um dos mais nefandos atentados contra a liberdade, em nome da qual aqueles *demagogos furibundos* agem.

Não. A Espanha segue um mau caminho e está perdida se da parte dos dirigentes *continuar a passividade* que se tem notado em presença das ideias extremistas e das suas conseqüências.

*A desordem permanente em que vive está a pedir remédio, mas remédio enérgico* que a arranque da anarquia e lhe dê aquela felicidade que nós gostaríamos que disfrutasse sob o regime republicano.

Que os seus homens de valor se unam *e a salvem*. Que todos os patriotas se dêem as mãos *e a levantem*. Que toda a gente, enfim, se convença de *que sem ordem* não póde haver felicidade.

Querem um exemplo? Não é preciso ir mais longe: basta olhar para Portugal (*O Democrata*, n.º 1432 de sábado 18 de julho de 1936, p. 1).

No entanto, e contrariamente àquilo que seria de esperar num jornal «situacionista», as notícias dadas a 25 de julho ainda são túbias, hesitantes e pouco contundentes e usam um léxico que se diria pouco apropriado para os interesses do Estado Novo: a expressão «governa Madrid» seria mais tarde evitada, pois preferia dar-se uma imagem de uma desorganização total e de um inimigo formado por «hordas comunistas», não de um governo legítimo contra o qual se dava um golpe de Estado; «grande nação ibérica» seria um termo apropriado para referir-se aos nacionalistas, pois respondia ao ideário de que falámos anteriormente, às teses de António Sardinha de aliança peninsular afinçadas no nacionalismo, mas neste caso é atribuído sem grande distinção a todo o território espanhol; o termo «revoltosos» ainda não tinha conotações negativas; mais tarde a censura franquista e a salazarista evitarão o uso dessa palavra:

### **Gráve!**

O que se passa em Espanha estava previsto, era inevitável. Sómente ninguém calculava que os acontecimentos atingissem tanta gravidade, tomassem o caracter de guerra civil. A Espanha atravessa horas angustiosas, o sangue dos seus filhos corre abundantemente de norte a sul e de nascente a poente da República vizinha. Como vizinhos de Espanha, sentimos profundamente as horas amaríssimas que atravessa.

À hora em que escrevemos, as notícias são ainda extremamente contraditórias. Há províncias em que *governa Madrid* e províncias em que dominam *os revoltosos*, há cidades em poder das melícias populares e há cidades nas mãos do Exército. Os combates entre as fôrças antagónicas são constantes e travam-se em terra, no mar e no ar. A morte paira, sinistramente, sôbre a terra de Espanha, espalhando sem descanso, sem tréguas, o luto, a dor.

Oxalá que depressa o sangue deixe de correr no vizinho paíz e que, sem de longas, horas tão más deixem de soar para *a grande nação ibérica* (*O Democrata*, n.º 1433 de sábado 25 de julho de 1936, p. 1).

No dia 1 de agosto nada se diz sobre a Guerra e a escassa informação de dia 8 continua a parecer mais a de um jornal «neutro» que de um jornal teoricamente situacionista. Não esqueçamos que três dias antes, a 5 de agosto, se enviou o texto do SPN que vimos anteriormente, e que dois dias antes, a 6 de agosto, o Embaixador de Espanha em Lisboa, Cláudio Sánchez-Albornoz, já se tinha queixado amargamente de que os serviços de censura impediam qualquer signo de imparcialidade e que até um jornal do Porto tinha levado uma coima de 20.000 escudos por suposta tibieza no elogio do levantamento militar (Pena

Rodríguez, 2012, p. 569). Pois bem, *O Democrata* continua a falar de direitistas e esquerdistas, de luta fratricida, de revoltosos, de nação ibérica e, em termos gerais, do desastre que virá da guerra, seja quem for o vencedor, argumentos que encontraremos em jornais anti-situacionistas.

### **EM ESPANHA**

Continúa a luta *entre direitistas e esquerdistas* na nossa vizinha Espanha. O sangue dos seus filhos ensopa cada vez mais o solo *da grande nação ibérica*. Jamais houve no mundo guerra civil tão sangrenta, de resultados tão catastróficos. A aviação, os submarinos, os navios de guerra, os tanks, o rádio, estão ao serviço *da luta fratricida*. Por enquanto, apenas os gazes não fizeram a sua aparição.

Não se sabe ao certo, ainda, quem vencerá. As notícias de ambos os lados –suprema ironia!– são optimistas...

Parece, no entanto, que *os revoltosos*, têm alcançado vantagens.

Mais *saiam vencedoras as direitas ou as esquerdas*, vencida por muito tempo será a Espanha, arruinada sob muitos pontos de vista.

Oxalá que a onda de loucura, de ódios, de paixões acesas, que varre o paiz vizinho de lés a lés passe sem demora. A bem da Espanha e da própria Humanidade (*O Democrata*, n.º 1435 de sábado 8 de agosto de 1936, p. 1).

No dia 15 de agosto, apenas uma brevíssima e neutral nota lembra a sangrenta guerra espanhola.

### **Espanha sangrenta**

Os nossos vizinhos continuam a matar-se uns aos outros, arrepiando tão horrorosa carnificina.

A guerra civil é assim. O extravasamento de ódios só traz conseqüências funestas, lamentáveis.

Temos pena da Espanha (*O Democrata*, n.º 1436 de sábado 15 de agosto de 1936, p. 1).

Igualmente breve, mas já com uma atribuição de culpas ao comunismo, como a censura estava a impor, aparece uma nota no dia 22 de agosto:

### **Na mesma**

Ainda se não modificou a situação em Espanha, acusando as estatísticas, até à presente data, 55.000 mortos! O número de feridos não tem conta, o das viúvas eleva-se a 25.000 e o dos órfãos a 60.000.

Um horror!

*Mas o comunismo é assim.* Foi assim na Rússia e desde que estendeu os seus tentáculos à Espanha esta não podia fazer excepção à regra.

Até quando, tamanha carnificina? (*O Democrata*, n.º 1437 de sábado 22 de agosto de 1936, p. 1).

E a partir de 29 de agosto pode ler-se no jornal um pedido de ajudas, sob a forma de subscrição, para socorro dos combatentes do bando nacional, pedido que se repetirá em números sucessivos. O léxico já inclui a distinção de patriotas para os nacionalistas:<sup>7</sup>

### **Quem nos quiere acompanhar?**

**«O Democrata» abre hoje nas suas colunas uma subscrição a favor dos feridos nacionalistas espanhóis**

Sabido, pela imprensa diária, o que se passa em Espanha onde um *punhado de patriotas* procura, *pela força das armas*, arrancar o *Governo das mãos do comunismo*; sabido, pela imprensa diária, a soma de sacrifícios que isso tem custado, quer em vidas quer em invalidez por ferimentos recebidos; sabido, finalmente, pela imprensa diária, das privações dos últimos e da sua instantane necessidade de recursos, o *Democrata* vem fazer um apêlo ao coração dos seus numerosos leitores no sentido de obter deles o que fôr da sua vontade e estiver ao seu alcance. É que *os nacionalistas espanhóis feridos* têm direito à nossa solidariedade porque se bateram *contra uma facção extremista* cuja doutrina se patenteia por actos que são *a completa negação da paz e da harmonia social*. Por actos que não podem nem devem ser admitidos *tão afastados andam da moral e da civilização* dos nossos dias. Entendemos, pois, que é necessário ir ao encontro dos que expuseram o peito às balas em defesa dos *sãos princípios nacionalistas*, socorrendo-os.

Quem nos quiere acompanhar?

«O Democrata. 30\$00

(*O Democrata*, n.º 1438 de sábado 29 de agosto de 1936, p. 1).

De resto, poucas notícias diretas da guerra, quase nenhuma nestes meses, a não ser aquelas que se originavam em Portugal, como o comício anti-comu-

<sup>7</sup> A pátria dos nacionalistas, por oposição à anti-pátria dos comunistas foi argumento usado constantemente pelos ideólogos da ideia de «Hispanidad» como Ramiro de Maeztu, colaborador assíduo de *Acción Española*. Cf. González Calleja & Limón Nevado, 1988, p. 23.

nista de dia 28 de agosto na praça de touros de Campo Pequeno e a revolta em Lisboa dos marinheiros dos navios *Afonso de Albuquerque*, *Dão* e *Bartolomeu Dias* a 8 de setembro.

É preciso aguardar por um momento posterior ao Decreto-Lei de 14 de setembro de 1936, ao qual já nos referimos anteriormente, isto é, ao endurecimento da censura por parte do SPN e à obrigação, por parte dos funcionários, da rejeição expressa de doutrinas comunistas e subversivas, para encontrar algumas notícias desse teor n' *O Democrata*. Já a 19 de setembro encontramos notícias que, na verdade, não passam da repetição de declarações de outros. Uma delas, na qual o termo «revoltosos» foi substituído por «movimento revolucionário», incluindo a terminologia do bando nacionalista, já vaticina o triunfo dos nacionais espanhóis e a futura concórdia entre os dois países, salientando o papel do Estado Novo como modelo:

### **O futuro da Espanha**

O general Franco, um dos chefes do *movimento revolucionário* contra o Governo do país vizinho, fez a seguinte declaração que é um esboço do programa legislativo a adoptar *após o triunfo*:

«A administração será confiada a técnicos e não a políticos, dando-se assim, à Nação, a estrutura orgânica e característica da Espanha. Não adoptaremos os métodos alemães nem os italianos. As directrizes da nossa política serão idênticas às seguidas em Portugal. Por isso, a nossa organização assemelhar-se-há muito à portuguesa.

Espanha e Portugal são e serão irmãs pelo Destino e pela História. As relações entre os dois países devem ser as melhores possíveis, pois convém à Espanha que Portugal continue sendo forte, progressivo e prestigioso».

Oxalá as palavras *do valoroso general* se transformem em realidade (*O Democrata*, n.º 1441 de sábado 19 de setembro de 1936, p. 1).

A outra salienta o horror anarquista e a incapacidade do governo de Madrid:

### **Afundando-se**

De Valhadolid transmitiram esta notícia em 12:

«Os padres agostinhos do Escorial, em número de 14, foram fuzilados, sem julgamento, pelos milicianos marxistas. Êste drama espantoso vem colocar o Chefe do Estado, Manuel Azaña, numa posição infeliz.

Azaña foi aluno dos padres agostinhos e, quando do movimento nacionalista, declarou-lhes que nada tinham a recear, pois enquanto êle estivesse no Poder

nenhum mal lhes sucederia. Não pode, porém, cumprir essa promessa. As milícias anarquizadas fuzilaram todos os sacerdotes, o que veio mais uma vez pôr em evidência o pouco prestígio de que o Presidente da República Espanhola dispõe». Sem dúvida (*O Democrata*, n.º 1441 de sábado 19 de setembro de 1936, p. 1).

A partir do número seguinte, de 26 de setembro, as diretrizes do Decreto-Lei serão cumpridas à risca e vão aparecer notícias sobre as atrocidades realizadas pelos comunistas, como a execução de Rafael Salazar Alonso, político radical espanhol sentenciado à morte apesar de não haver provas do seu envolvimento na sublevação militar. O léxico insiste na desumanização do inimigo, que já não pertence mais ao género humano, e das suas práticas contrárias à civilização:

### **Barbaridade!**

O extermínio dos homens de valor, em Espanha, pelas *gentes do comunismo*, continua num crescendo assustador – de arrepiar e indignar.

Agora, coube a vez a Salazar Alonso, ex-ministro do Interior, a quem as milícias julgaram, condenaram à morte e fuzilaram sem remissão de pecados.

É *bárbaro*, é cruel, é infame e *indigno de gente civilizada* o que se está praticando em Espanha.

Sentimo-nos revoltados com semelhante atitude.

Não se justifica que no século XX se recorra a tais violências, por idéias opostas, contra filhos da mesma pátria.

É inadmissível; é inqualificável.

É a *negação de todos os sentimentos humanos*; de tudo quanto o homem tem de bom; *daquilo que o deve separar dos seres inferiores de harmonia com a sua inteligência e com o que representa na sociedade*.

Ai de nós se, do meio dela, *não forem afugentadas as feras*...

Ai de nós – e do mundo (*O Democrata*, n.º 1442 de sábado 26 de setembro de 1936, p. 1).

A notícia será explorada nas edições seguintes do jornal e, a partir de 3 de outubro, já vão ser incluídas também novidades sobre os avanços do exército nacionalista (já não «revoltosos» nem «revolucionários»), usando a seleção de informações, o léxico e a parcialidade exigida pelo regime salazarista. Merece especial destaque a expressão *movimento redentor*, que acumula a evocação de *Movimiento Nacional* e da denominação de *cruzada* ou «guerra santa» que se estava a dar ao conflito por parte dos rebeldes, bem como a referência à defesa do Alcázar de Toledo, que se tornaria famosa:

### A Espanha em armas

Ainda não terminou, nem terminará com a pressa que muitos desejam, a guerra civil no visinho país embora *as tropas nacionalistas* avancem constantemente *para o triunfo final*

*A tomada de Irun* e ultimamente *a de Toledo* encheram de entusiasmo quantos acompanham dia a dia o *movimento redentor* e anseiam pela sua vitória.

As tropas, com *os heroicos cadetes, defensores do Alcazar*, marcham agora sôbre Madrid, onde já lavra o pânico e o Govêrno concentra reforços, que serão inúteis, dada *a força e o valor das gentes de Franco* (*O Democrata*, n.º 1443 de sábado 3 de outubro de 1936, p. 1).

Portanto, podemos dizer que *O Democrata*, apesar da catalogação como situacionista pelo relatório de 1934 da comissão do SPN e da Direção do Serviço da Censura, não agiu como tal, mas diríamos que como «simpatizante» ou até «neutro» no primeiro mês da guerra, aderindo às diretrizes do regime só quando se tornou incontornável devido à publicação do Decreto-Lei de 1936.

## 6. Correio do Vouga

Este jornal era dirigido pelo Padre Allyrio Gomes de Mello, prior de Vagos, escritor, crítico literário, professor e jornalista, e pelo Dr. Querubim Guimarães, militante da Acção Católica, desde a sua fundação, em 1928, monárquico constitucionalista, sidonista e senador eleito por Aveiro, em representação da minoria monárquica em 1922 e 1925. Esta publicação era, portanto, uma firme candidata a mostrar ideologia pró-fascista. As raízes monárquicas de um dos seus fundadores podem ter constituído a razão de ter sido catalogado simplesmente como «simpatizante» em lugar de «situacionista», mas a verdade é que, desde as suas primeiras notícias da Guerra de Espanha, cumpre e excede as diretrizes do SPN e, o que é mais interessante, quase desde o início inclui nos seus textos a visão, a retórica e a terminologia da Espanha franquista, a começar pelo assassinato de José Calvo Sotelo. Esta notícia vem na edição de 18 de julho, com menos alusões veladas que *O Democrata*, e com uma energia condenatória maior. Compara os esquerdistas com feras desumanas e fala dos conciliábulos comunistas, dentro da mais pura retórica nacional que tentou tirar aos seus rivais a categoria de homens, falando deles quase como infra-humanos, e salientando a abjeção e hediondez dos seus crimes:

## NOTA DA SEMANA

### **Bárbaros!**

Muito longe estava o rabiscador desta secção de supôr que, depois de uma interrupção forçada de duas semanas, a primeira penada devia ser de dôr e protesto por *um crime que feras não cometeriam mais clinicamente*. José Calvo Sotelo, um dos melhores valôres da Espanha de nossos dias, foi barbaramente assassinado em Madrid no dia 13. Tinha 43 anos. Formado em Direito Civil e Canónico pelas Universidades de Saragoça e Madrid. Era membro do Côrpo dos Advogados do Estado, e catedrático da Universidade madrilenha. Ministro das Finanças, quatro anos, no govêrno de Primo de Rivera. Escreveu várias obras de Direito. Era o *leader* da “Renovação Espanhola”. Orador de invulgares recursos: vibrante, erudito, incisivo, temível no parlamento *ao espírito moscovita que anda a queimar a Espanha*. Há neste acontecimento trágico *requintes de ferocidade que são um autêntico enxovalho à espécie humana*: não há diversidade de opiniões nem ideologias tôrvas que sejam explicação suficiente. *As feras*, certamente, se tivessem inteligência e consciência na arte de matar, *não ousariam tais processos*: ir a casa da vítima, *arrastá-la violentamente, com feroz violação* das imunidades parlamentares, e mata-la *com crueldade bastante* para a deixar quási irreconhecível! E sendo a vítima um homem que foi um formidável lutador, mas só pela pena e pela palavra, que nunca defendeu *a violência bárbara*.

Mas *preparar-se um atentado assim, em conciliábulo* de encarregados da ordem pública, e servirem-se os cínicos da sua situação para realizarem os seus intentos sinistros, como quem tem certa a impunidade!... E o zêlo com que *os comunistas pediram logo violências sobre as Direitas?! E a pressa com que se tratou de dar férias ao parlamento, para evitar as interpelações de Gil Robles e de outros?!*

Foram ordenadas investigações; mas, a avaliar pelo recente passado, a conclusão será: não se sabe quem matou nem quem mandou matar!

– Não houve ainda, na história dos homens, lições mais repelentes e aterradoras de perversidade humana...

M.R.

(*Correio do Vouga*, n.º 287 de 18 de julho de 1936, p. 1)

Na semana seguinte emprega já toda a temática franquista no seu cabeçalho: guerra de independência dos poderes estrangeiros (conspiração comunista e judeo-maçónica), triunfos das tropas rebeldes, atrocidades do exército popular:

### **A Espanha em armas**

#### **O exército bate-se pela independência da pátria**

**As milícias comunistas sofrem derrotas sucessivas, apesar de tôdas as suas atrocidades**

(*Correio do Vouga*, n.º 288 de 25 de julho de 1936, p. 1)

O corpo da notícia excessivamente extensa para ser aqui reproduzida na íntegra, articula-se em torno destes eixos, intercalando-os sucessivamente para que o leitor não esqueça nunca esta tríade, à qual se acrescenta a generosidade das tropas rebeldes. A terminologia repete insistentemente algumas ideias: movimento (*Movimiento Nacional*, oposto ao partidismo) libertação, triunfo, de um lado, e atrocidades e ilegalidade (*criminosamente*) do outro.

A primeira página do jornal de 1 de agosto está dominada na sua maior parte pelo conflito espanhol, com repetição dos tópicos anteriormente descritos.

Muito interessante é a edição de 8 de agosto, que parece ter recolhido o arsenal panfletário franquista que ainda faltava explorar: a) que o conflito não se iniciou em julho, mas em fevereiro de 1936, precisamente com as eleições ganhas pela Frente Popular; com isto, o bando revoltoso pretendia atirar as culpas para o governo legal que se tornava, deste modo, ilegal, sendo ele o depositário da verdadeira legalidade; b) que se tratava da luta da civilização contra o caos, dos valores contra os anti-valores; portanto, e resumidamente, da luta eterna do bem contra o mal ou de Deus contra o Diabo; c) que se tratava, por isso, de uma “cruzada”, termo que rapidamente deram os bispos espanhóis à guerra, da Espanha contra a Anti-Espanha e muito mais, da civilização ocidental contra a barbárie. Escolheremos umas frases para apresentar uma amostra desse arsenal, uma vez que os textos são demasiado extensos para transcrevê-los integralmente:

Se não quisermos mostrar cegueira voluntária, a guerra civil vem de há tempo, pelo menos de 16 de fevereiro último. Agora, trata-se apenas de um recrudescimento que abrange literalmente toda a Espanha [...]

Defrontam-se, em combate de morte, duas civilizações, ou para falar com exactidão, estão em jôgo dois conceitos de civilização: dum lado, o cristão, com toda a sua doutrina social – Deus, Pátria, Família, Ordem, isto é, a civilização; doutro lado, o comunista, com a sua incendiária ideologia anarquista – anti-Deus, anti-Pátria, anti-Família, anti-Ordem, quer dizer, a barbárie. Evidentemente, o triunfo dum é a morte do outro. [...]

Tem-se escrito que estamos num ângulo da história. Não há dúvida. Um sinal dos tempos é a irredutibilidade política, religiosa e social, incarnada pela Igreja e pelo comunismo – as duas cidades, de Deus e de Satanas, respectivamente. [...]

Em Espanha não há presentemente uma rebelião, um levantamento do exército contra um govêrno que lhe desagrade. Não é a luta de um pretendente ao mando

contra o seu adversário no poder. Nem pode dizer-se que há uma revolução ou uma guerra civil. Nem mesmo se trata de uma aventura revolucionária para restaurar um regímen caído – monárquicos contra republicanos. Há pura e simplesmente isto – Uma cruzada do exército espanhol contra os bárbaros, contra os moscovitas que mandam em Madrid. É a Espanha contra a anti-Espanha. E é mais do que isso. A defeza que o exército espanhol está fazendo da sua Espanha alarga-se à defeza de toda a civilização ocidental que os novos bárbaros ameaçam. [...]

... uma civilização milenária que [...] favorece no homem a eclosão e o desenvolvimento das virtudes que o enobrecem e que o fazem homem verdadeiramente, filho do espírito, a diferenciá-lo do primata da escala zoológica [...] (*Correio do Vouga*, n.º 290 de 8 de agosto de 1936, p. 1).

Como estamos a ver, o *Correio do Vouga* adoptou desde o início uma atitude pró-rebeldes que teria superado as expectativas de qualquer censor, recolhendo não só a ideologia do lado nacional, como também a sua retórica, o seu estilo panfletário e a sua terminologia.

## 7. Ecos de Cacia

Este era um dos jornais que o relatório da censura catalogava como anti-situacionista. A primeira, brevíssima, notícia sobre a Guerra Civil, no jornal de 25 de julho, aventa a hipótese de os rebeldes quererem implantar uma ditadura:

### **POR ESPANHA**

Dizem os jornais de grande informação que em Espanha se revoltaram alguns regimentos militares *para ali implantarem uma ditadura*.

À hora que o nosso jornal se imprime é-nos impossível dar notícia exata do que se passa no país visinho.

Contudo, oxalá que a Espanha volte à normalidade (*Ecos de Cacia*, n.º 311 de 25 de julho de 1936, p. 1)

Trata-se de uma abordagem que não ia ao encontro dos interesses do Estado Novo e que parece tirada de jornais afins ao governo republicano, de modo que podemos pensar que a catalogação foi correta, especialmente quando vemos que a seguinte informação sobre a Guerra de Espanha, de 8 de agosto,

igualmente brevíssima, insiste no mesmo qualificativo, «ditatorial» que, para maior desafio, aparece coordenado com o adjetivo «nacionalista», e não augura o triunfo dos rebeldes:

### ACONTECIMENTOS DE ESPANHA

Complicam-se, dia para dia, os acontecimentos revolucionários na vizinha Espanha, onde parte do exército luta para constituir um governo *nacionalista e ditatorial*.

O govêrno da República mantém-se resoluto e *não se prevê ainda de que lado estará a vitória* (*Ecos de Cacia*, n.º 313 de 8 de agosto de 1936, p. 1).

Não esqueçamos que a circular da DSC que analisámos anteriormente era de 5 de agosto; portanto, as instruções sobre o que se devia dizer já eram bastante claras.

O número do dia 15 de setembro nada diz da Guerra de Espanha, mas o de 22 de agosto, muito antes do novo endurecimento da censura em meados de setembro, a linha editorial deste jornal, no que diz respeito à Guerra em Espanha, muda radicalmente. Num artigo deste número recolhem-se vários dos tópicos da propaganda salazarista que alentava o bando insurreto: as chacinas dos comunistas, a perda dos valores cristãos da civilização ocidental, os comunistas como seres infra-humanos, semelhantes a feras, o passado glorioso de Espanha, semelhante ao português, a ideia de império, ligada à raça e ao cristianismo (Cf. González Calleja & Limón Nevado, 1988, pp. 57-71). Utiliza-se o léxico já habitual das «hordas» comunistas e da «libertação» do povo pelo exército nacional. O texto, contrariamente às breves notas anteriores, é bastante extenso, e dele podemos transcrever alguns trechos:

### HORAS VAGAS

**O comunismo é a morte pela fome ou pelo fuzilamento. Fora do Temor de Deus, nunca se encontra justiça – O homem sem Religião, torna-se inferior às fêras. – A guerra civil em Espanha, bárbara e sanguinária, é prova mais que eloquente.**

[...] Que consideração pode merecer a vida ou direitos dum homem a outro homem que não crê na imortalidade da alma? Um govêrno de ateus puros, que sejam coerentes com os seus princípios e vivam, segundo eles, seria *um govêrno de assassinos e de bandidos* que faria a desgraça e a destruição do povo. [...]

Vê-se isto claramente observando os factos que actualmente se estão passando na vizinha Espanha, cuja história é o seu maior orgulho, e como a nossa, ativa, forte

e cheia de heróicidade, pois as duas nações da Península Iberica, Espanha e Portugal, foram como nenhum outro povo da Terra as que mais audaciosamente *se esforçaram escudadas pela Cruz e pela Espada nas conquistas e descobrimentos*, não só com o pensamento justo e *patriótico* da expansão, mas para levar também *a civilização cristã*, de amor e de paz, *aos mais longiquos e apagados povos do Mundo*. [...]

Nós temos visto animais que lamentam a morte de outros animais. *Quando não têm Religião, os homens tornam-se inferiores ás fêras*. Não revelão os mais elementares sentimentos de bondade (*Ecos de Cacia*, n.º 315 de 22 de agosto de 1936, pp. 1-2).

Uma vez alterada a linha editorial do jornal, o comportamento é já semelhante aos situacionistas, e como tal caberia classificá-lo. Apesar de ser um jornal de pendor muito local, com pouca presença de notícias internacionais, as escassas menções à guerra de Espanha cumprem com os requisitos salazaristas, como esta de 5 de setembro: descrição da barbárie comunista e desumanização dos homens de esquerda (como condição prévia à aceitação da sua eliminação):

### Remoques

Analiza, leitor, em tua consciencia, se o que se passa em Espanha corresponde – quanto a idéias vindas da Rússia – aquilo a que nós chamamos ostensivamente: *civilização!!!* Três pontos de admiração, aqui são poucos.

Vê o caso de Almendralejo, aonde *foram crucificadas trinta e nove pessoas* e em seguida *regadas a gazolina e queimadas*; aonde um pobre pai viu amarrarem dois filhos novinhos, um contra o outro, *levando gazolina* em cima, e, *zás, lume com eles*, sofrendo aquele depois a mesma morte! Oh! Deus!

E há quem goze talvez com tais *martírios!* Haverá? *Monstros?! [...]*

Bem temos nós dito, que, a civilização, quando se aproxima do seu auge, é como uma ponta do arco de círculo ao *apró-chegar-se* – olhem bem para êste termo – da outra ponta donde se partiu.

Assim, na Espanha, os homens parece mesmo que se estão a *apró-chegar* do *troglodita* – *do homem das cavernas, enfim, do homem primário*. Parece mesmo (*Ecos de Cacia*, n.º 317 de 5 de setembro de 1936, p. 2).

Neste caso, pois, verificamos uma mudança clara de rumo no teor das notícias sobre a Guerra Civil de Espanha, num jornal classificado ano e meio antes como «anti-situacionista», isto é, de ideologia perigosa para o regime. A partir de 22 de agosto, no entanto, a sua obediência às diretrizes da DSC e ao SPN será total.

## 8. O Povo de Aveiro

Este jornal era dirigido por Francisco Manuel Homem Christo, que dispensa qualquer apresentação. Como vimos, estava também classificado com a etiqueta de anti-situacionista, mas teve um percurso bem diferente do anterior. A primeira referência à Guerra de Espanha surge a 26 de julho de 1936, uma vez que no número anterior as notícias da insurreição militar ainda não tinham chegado. Nesta, o ilustre erudito faz uma certa análise dos motivos da guerra, num exercício de rara objetividade que a censura, ainda sem orientações claras sobre os procedimentos a seguir, permitiu. Vale a pena ler o fragmento completo, onde vemos como as culpas, embora partilhadas, se atribuem mais à direita espanhola, como se descreve que a violência da esquerda foi uma reação de autodefesa, enquanto a violência da direita foi uma estratégia de vitória, como se explica que o povo resistiu ao exército e como, enfim, se insinua que deve calar porque a censura não permitiria uma análise mais pormenorizada:

### Hespanha

Os acontecimentos de Hespanha não suprehenderam ninguém. Já se esperavam. *São a consequencia de uma serie d'eros enormes commettidos por todos, os da esquerda e os da direita, mas, faça-se justiça, mais os da direita do que os da esquerda.*

*A republica hespanhola não quis estabelecer a dictadura.* Isso deu motivo a que os vencidos, logo de principio, se apresentassem, perante os vencedores, n'uma attitude arrogante e affrontosa. Logicamente, vieram as represalias, que foram crescendo tanto mais quanto mais *se accentuava, dia a dia, o proposito de matar a republica da parte dos monarchicos.* Isto lançou os republicanos, por necessidade de defesa, nos braços dos extremistas. Organizou-se a *frente popular.* Vieram as eleições que deram uma grande maioria á frente popular. Era caso para os fascistas e monarchicos usarem de mais prudência, a partir d'essa hora. Deu-se o contrario. *Redobraram os sempre condenaveis assassinatos, em que os fascistas e monarchicos não assassinaram menos do que os extremistas e republicanos.* Emfim, *veio a sublevação militar coroar a tragédia, sublevação que foi vencida pela resistência popular.*

Este caso prestava-se a muitos e muitos commentarios. Contem grandes ensinamentos, e ensinamentos de varias ordens.

*Abstemo-nos, porem, de commentar (O Povo de Aveiro, n.º 450 de 26 de julho de 1936, p. 1).*

Na edição de 2 de agosto, em parte provavelmente para se esquivar à censura e em parte por beber de outros jornalistas mais bem informados,

Homem Christo traduz um artigo bastante sério e objetivo publicado em *Le Temps*. Depois de comparar os dois textos, podemos dizer que a tradução é muito fiel. Neste artigo, que não transcrevemos por ser muito extenso, conjectura-se, sob a base das informações muitas vezes contraditórias que chegam à França, sobre o poder militar de cada um dos bandos, o seu posicionamento estratégico, avaliam-se as suas ideologias e chega-se à conclusão de que quer uma ditadura do proletariado quer uma ditadura militar seriam nefastas para a Espanha. Após a sua tradução do francês, Homem Christo acrescenta o seguinte comentário sobre a recusa dos barcos ingleses a fornecer combustível ao governo legítimo da República, no qual denuncia claramente a incompreensível atitude internacional que recusa o apoio a um governo legítimo enquanto vai aceitando tacitamente um *status* oficial para os rebeldes (Homem Christo não evita o uso deste termo):

Este artigo é correctissimo. Diz tudo sem offender ninguém. Apenas n'elle ha um ponto que briga com o direito internacional. O *Temps* diz que os inglêses andaram *correctamente* recusando combustivel aos navios de guerra hespanhoes. Como assim? Estamos em face de *belligerantes* ou de um governo *reconhecido por todas as nações* em lucta com rebeldes? Estes, agora em Hespanha, ainda não foram *reconhecidos como belligerantes* por nenhuma nação. Ora, para esses casos, o direito internacional é expresso: não há *condescendencias* nenhuma com os rebeldes; e devem-se *todas as atenções* á nação reconhecida pelas potencias. O contrario pode ser um *casus belli*, ou, pelo menos, motivo para ruptura de relações diplomaticas.

Homem Christo<sup>8</sup>

(*O Povo de Aveiro*, n.º 451 de 2 de agosto de 1936, p. 1).

Na mesma página, esta informação sobre a Catalunha merece destaque. Com efeito, pode parecer uma notícia banal, mas é claramente subversiva. Contrariamente à imagem que pretende dar o Estado Novo, apresenta-se a zona mais «vermelha» de toda a Espanha como um lugar de «ordem» (logo na primeira linha), de absoluta normalidade, onde a comida não faltava e era entregue *gratuitamente* (em itálico no próprio texto de Homem Christo), dando uma imagem de concórdia, de bons sentimentos, bem longe da imagem de bestas ferozes que queria dar a censura salazarista, onde os estrangeiros são

<sup>8</sup> Neste caso, ao contrário do que acontece nos textos apresentados anteriormente, os itálicos aparecem no próprio jornal.

muito bem tratados. Salienta o autor do artigo que as palavras são tiradas *ipsis verbis* de um jornal que, no fundo, é de direita, provavelmente para escapar à censura:

### **A Guerra em Hespânia**

O *Temps*, de 25, diz que *a ordem, em Barcelona, era absoluta e o policiamento da cidade perfeito.*

Todos os operarios acudiram ao trabalho, todas as lojas abertas, todas as ruas cheias de gente.

De muitas aldeias catalans chegaram ao mercado camiões carregados de gallinhas e outras aves, de fructa, de batatas, de leite, etc., que os habitantes d'essas aldeias offereceram *gratuitamente* aos hospitaes e ás milicias populares.

Os atletas inglêses que tinham ido para os jogos olympicos desfilaram de manhã pelos boulevards com as suas bandeiras desfraldadas, sendo vivamente aclamados pela immensa multidão que n'elles se agglomerava.

Todos os atletas estrangeiros, de tarde, organizaram na Praça da Republica, em frente do palácio da Generalidade, uma imponente manifestação. Delegados dos Estados Unidos, da Noruega, da Hollanda, da Inglaterra, da Palestina, da França, da Belgica, e dos italianos refugiados no estrangeiro, *agradeceram calorosamente das janellas da Generalidade ao governo catalão a maneira como foram tratados*, lamentando que as circunstancias obrigassem á suspensão dos Jogos olympicos populares.

Eis, *ipsis-verbis*, o que nos diz o *Temps* de 25 de Julho (*O Povo de Aveiro*, n.º 451 de 2 de agosto de 1936, p. 1).

Com efeito, a tradução é *ipsis verbis*, só que de frases e excertos seleccionados, pois a notícia no *Le Temps* de 25 de julho de 1936, na primeira página, é bem mais extensa.

No dia 6 de setembro, quando os outros jornais analisados aqui se vergavam aos ditames da censura, Homem Christo conseguia expor com grande lucidez as causas profundas da Guerra Civil de Espanha, não afincadas nos crimes dos comunistas, mas no caciquismo, na corrupção, no banditismo, nas intrigas políticas. O artigo, uma vez mais, é longo demais para ser aqui exposto. Basta dizer que retoma escritos dele de 1915, 21 anos atrás, aquando da sua viagem por Espanha, onde augura que a mesma anarquia que assola Portugal de forma patente, e que vê subjazer de forma latente em Espanha, explodirá algum dia de forma mais virulenta que em Portugal. Não era bruxaria, afirma agora, mas o olhar atento de alguém que sabe perscrutar o ser humano. Acaba o artigo

com um parágrafo aparentemente equidistante nas culpas (o artigo intitula-se «Todos teem culpas»), mas que não esconde a verdadeira forma de pensar de um homem que era, antes de mais, democrata:

Condenemos os marxistas. Mas não esqueçamos de condenar também a cupidez, a corrupção, a insania, o cynismo das classes superiores, *causa primeira* do incendio que está devorando a Hespanha.

Homem Christo

(*O Povo de Aveiro*, n.º 452 de 6 de setembro de 1936, p. 1).

A censura ia aos poucos impedindo a livre publicação destas ideias, mas um erudito como Homem Christo conseguia recorrer a múltiplos ardis para a ludibriar. Mesmo um dia antes do Decreto-Lei de setembro, no dia 13 desse mês, tenciona rebater as informações transmitidas por todos os jornais no sentido de que só os comunistas é que cometiam atrocidades. Numa guerra, todos as cometem. Astuciosamente, o jornalista aveirense inicia um artigo, intitulado «As terríveis revoluções», com a menção aos horrores da Guerra Civil de Espanha. A partir daí, fala de numerosas outras guerras na história da humanidade onde quer os de um bando quer os do outro se mostraram implacáveis com os inimigos. Começa por reproduzir um trecho da obra de Fustel de Coulanges *La cité Antique*, onde se fala das revoluções sociais na antiga Grécia e de como os dois bandos que sempre se formaram, o dos ricos e o dos pobres, cometeram barbaridades. A seguir, transcreve um excerto do livro de A. Moret *Le Nil et la civilisation égyptienne*, onde explica a carnificina resultante de um conflito entre nobres e plebeus 2000 anos antes de Cristo. Prossegue com um fragmento de *La Révolution Russe, Les Origines, Les Résultats* (tome 1), de Henry Rollin, onde se explica que em todos os atos revolucionários houve violência. De seguida, reproduz um texto tirado de *L'Anarchie dans le Monde Moderne* de Gustave de Lamarzelle, onde se fala dos horrores da repressão dos grandes senhores durante a guerra dos camponeses alemães de 1525. Finaliza Homem Christo com o seguinte comentário:

Para não alongar este artigo, deixaremos de parte os horrores da guerra entre protestasitas e catholicos, com o seu *Saint-Berthelemy*, em França, nos reinados de Henrique II, Carlos IX e Henrique III; os horrores, no mesmo paiz, da guerra dos Camisards; os horrores da famosa Revolução Francesa e os da comuna de Paris (*O Povo de Aveiro*, n.º 453 de 13 de setembro de 1936, p. 1).

Com certeza, este cúmulo de citações que aparentemente nada tinham a ver com a guerra em Espanha deve ter confundido os censores, que não deviam saber se aquilo tinha que ser emendado ou não.

Mas no dia a seguir a esta grande mostra de habilidade de Homem Cristo, começa a nova lei, mais restritiva ainda, de censura sobre os acontecimentos da Guerra Civil de Espanha. Com essa mordaza implacável, *O Povo de Aveiro* passou três semanas sem dizer absolutamente nada do que acontecia no país vizinho. O silêncio, de qualquer modo, é uma opção. Se a única alternativa possível é apresentar a realidade pelo crivo do salazarismo ou calar, com certeza que a opção mais honesta era calar. Os ardis para poder falar são, nessa altura, cada vez mais rebuscados. A 4 de outubro lemos esta notícia no jornal:

### **Povo de Aveiro**

Sob este título lê-se no excelente semanário, *A Verdade*, de 19 do corrente:

«Reapareceu êste magnífico semanário, tribuna das mais autorizadas – a mais nobre, a mais corajosa, a mais inteligente de tôda a imprensa portuguesa.

Homem Cristo, jornalista insigne, depois do descanço de um mês, voltou á liça, com a sua pena fulgurante, dando-nos o interêsse vivaz e inteligente da leitura do seu belo periódico.

O artigo de fundo do *Povo de Aveiro* da semana finda, é um juízo lucidissimo e justo sôbre os acontecimentos de Espanha.»

Os nossos mais vivos agradecimentos (*O Povo de Aveiro*, n.º 456 de 4 de outubro de 1936, p. 1).

Tratava-se de um estratagema subtil para insistir em que ele tinha razão, quase um grito unamuniano de «Venceréis, pero no convenceréis». Vejamos a data. O jornalista de *A verdade* escreve a 19 de setembro (não pode ser «do corrente» porque a data do jornal é 4 de outubro) e entretanto já saíram dois números d'*O Povo de Aveiro*, dos dias 20 e 27 de setembro. Por que não publicar esta nota mais cedo? Estava a ficar sem ideias para publicar qualquer coisa sobre a Guerra Civil de Espanha e teve que deitar mão deste último recurso após dois números sem possibilidade de falar?

A verdade é que os artifícios para burlar a censura deviam ser de dia em dia mais difíceis. No jornal seguinte, de 11 de outubro, escreve um artigo sobre generalidades acerca da insensatez das guerras; na semana seguinte, no jornal de 18 de outubro, mais um sobre generalidades acerca de as desigualdades sociais serem a principal causa das guerras. No dia 1 de novembro recorre novamente ao ardid de um mês atrás, publicando uma notícia aparecida no

*Notícias de Basto* a elogiar o seu artigo sobre as verdadeiras causas da Guerra Civil<sup>9</sup> e que acaba com «nunca Homem Christo se enganou». E para não ter de se enganar, ou de errar, preferiu, a partir dessa altura, calar. Nesse ano não voltou a tratar o tema de Espanha, sabendo como sabia que só uma perspetiva era permitida, a perspetiva deturpada do fascismo, e para o ano seguinte a Guerra Civil foi perdendo interesse nos assuntos internacionais, pois outra guerra se estava a preparar, esta mundial. Mas o silêncio, por vezes, diz muito.

Vimos, portanto, alguns jornais de Aveiro e as suas estratégias informativas, ponderadas em conjugação com uma censura feroz que não deixava muita margem de manobra. Comprovámos que as etiquetas que a própria censura impunha nem sempre parecem adequadas, a não ser que as linhas editoriais tivessem mudado bastante em ano e meio, o que é, no fim de contas, possível. Vimos que Aveiro possuía, pelo menos, alguns jornais que só se vergaram à censura quando não houve outra opção, pois é preciso lembrar que era o distrito com mais jornais anti-situacionais. E vimos a magnífica luta intelectual de um erudito com uma perspicácia quase clarividente e uma censura cega, mas teimosa, que venceu, mas nem sempre convenceu.

### Referências bibliográficas

- BARROS, Júlia Leitão de (2011). O Cerco Ideológico do Estado Novo à Imprensa de “Província”. *Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura*, 5/6, pp. 265-300.
- CERQUEIRA, Eduardo (1976). Notas sobre a implantação da República em Aveiro e seus antecedentes. *Aveiro e o seu distrito. Publicação Semestral da Junta Distrital de Aveiro*, 22, pp. 15-36. URL: <http://ww3.aeje.pt/avcultur/Avcultur/Aveidistrito/Boletim22/Page15.htm#05a>. (Consultado em 25-09-2017).
- GONZÁLEZ CALLEJA, Eduardo & LIMÓN NEVADO, Fredes (1988). *La Hispanidad como instrumento de combate. Raza e imperio en la Prensa franquista durante la Guerra Civil española*. Madrid: CSIC – Centro de Estudios Históricos.
- JIMÉNEZ REDONDO, Juan Carlos (2017). Primo de Rivera y Portugal, 1923-1931: del “peligro español” a la nostalgia de la España autoritaria. *Pasado y Memoria. Revista de Historia Contemporánea*, 16, pp. 91-117.

9 Devemos salientar a seguinte frase: «A Espanha está minada até aos ossos, como nós, de caciquismo e banditismo» (*O Povo de Aveiro*, n.º 460 de 1 de novembro de 1936, p. 1).

- PAULO, Heloisa (2013), Memoria y exilio: la difícil tarea de recuperar vidas olvidadas. *Trocadero*, 25, pp. 103-116.
- PENA RODRÍGUEZ, Alberto (1997). *El Estado Novo de Oliveira Salazar y la Guerra Civil española: información, prensa y propaganda (1936-1939)*. Tesis Doctoral. Madrid–Coimbra–Lisboa: Universidad Complutense de Madrid. URL: <http://webs.ucm.es/BUCM/tesis/19972000/S/3/S3036701.pdf>. (Consultado em 15-07-2017).
- (2010). Portugal, España y la historia del Estado Novo: las Relaciones Ibéricas y los medios de comunicación salazaristas en los años treinta. In Tavares Ribeiro, Maria Manuela (coord.), *Outros Combates pela História*. Coimbra: Imprensa da Universidade, pp. 437-461.
- (2012). Periodismo, guerra y propaganda: la censura de prensa en Portugal durante la Guerra Civil española. *Estudios sobre el Mensaje Periodístico*, vol. 18, n.º 2, pp. 563-576.
- (2017). *Salazar y el fascismo español. Propaganda fascista y salazarista en la colonia española en Portugal (1933-1939)*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Portugal ante la Guerra Civil de España. Documentos y notas* [s.d.]. Lisboa: Edições SPN.
- SEVILLANO CALERO, Francisco (2011). Los medios del lenguaje propagandístico del “nuevo Estado” franquista (1936-1945). In Moreno Cantano / Antonio César (coords.), *El ocaso de la verdad. Propaganda y prensa exterior en la España franquista (1936-1945)*. Gijón: Ediciones Trea, pp. 27-40.

TÍTULO: A Guerra Civil de Espanha e a imprensa aveirense

RESUMO: No presente texto analisamos as notícias publicadas em quatro jornais de Aveiro durante os inícios da Guerra Civil de Espanha para tentar perceber o impacto da censura na imprensa regional do distrito português com maior número de jornais deste tipo. Deste modo, veremos que a SPN catalogava os jornais dependendo do posicionamento ideológico, mas que nem sempre as notícias coincidiam com esta classificação. Centramos a nossa atenção, no fim, na figura de Homem Christo, que sobressai sobre os demais jornalistas quer pela sua perspicácia, quer pela sua integridade jornalística.

TITLE: The Spanish Civil War and the press of Aveiro

ABSTRACT: In the essay under review, I aim at analyzing the news stories published in four newspapers headquartered in Aveiro at the outset of the Spanish Civil War. Hence, I shall attempt to understand the impact of censorship in the regional press located in this Portuguese district, which, at the time, possessed the largest circulation of regional/local newspapers in the entire country. As such, I have come to the realization that the SPN cataloged these newspapers on the grounds of their ideological leaning. Their news stories, however, did not always match with this classification. Lastly, I focused on the figure of Homem Christo, who stands out among his peers, notably for his astuteness and for his journalistic integrity.